

## **Relatos de viagens de escritores europeus a Persépolis: Vita Sackville-West, Robert Byron, Annemarie Schwarzenbach, Nicolas Bouvier e Higinio Polo<sup>1</sup>**

**Gonçalo Vilas-Boas**

*Universidade do Porto – Instituto de Literatura Comparada*

**Resumo:** Aplicando modelos de abordagem ligados à geopoética, proponho-me reler os textos que de Vita Sackville-West, Robert Byron, Annemarie Schwarzenbach, Nicolas Bouvier, Higinio Polo e Jason Elliot escreveram sobre visitas que fizeram às ruínas de Persépolis, no Irão. Tendo em conta os contextos de produção, irei ler os textos que testemunham, por um lado, uma ligação entre um espaço geográfico e as duas observadoras, levando a uma individuação desse espaço, sempre situado entre a realidade e a sua apreensão individual e a ficção. As paisagens oferecem as suas margens, as suas resistências, a que o viajante reage, criando depois um espaço literário. Esses textos serão lidos em novos contextos, agora re-traduzido no ato de leitura, criando, em novos contextos, outros espaços literários, que não podem corresponder exactamente aos espaços vividos e literarizados.

**Palavras-chave:** Vita Sackville-West, Robert Byron, Annemarie Schwarzenbach, Nicolas Bouvier, Higinio Polo; literatura de viagens; geocrítica; Persepolis; Irão

**Abstract:** In this essay I use some models linked to the geocritic approach in reading texts by authors so different as Vita Sackville-West, Robert Byron, Annemarie Schwarzenbach, Nicolas Bouvier and Higinio Polo dealing with their visits to Persepolis in Persia/Iran. I will consider their respective travelling and writing contexts. The texts testimony the links between the geographical space and their observers, provoking an individuation of the space, always settled between the reality itself and the subjective apprehension and the fiction linked to the writing process. The landscapes offer their margins, their resistances provoking a reaction

by the traveler and writer, thus creating a new textual space. These will be read in different contexts, other literary spaces, which do not have to correspond exactly to the spaces interiorized by the authors, but created in a dialogue through texts.

**Keywords:** Vita Sackville-West, Robert Byron, Annemarie Schwarzenbach, Nicolas Bouvier , Higinio Polo; travel literature; geocritics; Persepolis; Iran

Proponho-me analisar alguns textos de Vita Sackville-West, Robert Byron, Annemarie Schwarzenbach, Nicolas Bouvier e Higinio Polo, viajantes europeus que visitaram as ruínas de Persépolis, no Irão, a partir de 1920, época onde se intensificou o interesse dos viajantes por aquelas ruínas cheias de história, Pretendo fazê-lo utilizando alguns instrumentos analíticos da geocrítica, nomeadamente os desenvolvidos por Bertrand Westphal, complementando-os com outros instrumentos analíticos que foquem quer os textos quer os contextos dos respetivos autores e também dos leitores.

### **1. Enquadramentos: da geocrítica aos estudos de receção**

A geocrítica foca as interacções entre espaços humanos e a literatura, o que permite uma “perceção plural do espaço” (Westphal 2000:17-18)<sup>2</sup> e uma cartografia literária dos locais (ibidem: 34), uma vez que o centro da análise é o espaço observado, não o espaço real, cuja apresentação holística não é possível. O observador é um indivíduo que, a partir do que vê, constrói através de palavras um espaço, cuja representação tem muito a ver com o contexto de origem do viajante e da sua ‘enciclopédia’ (na aceção de Eco). Mas também marcado no tipo de textos aqui analisados. Como parte dessa enciclopédia, a intertextualidade fornece algum material que integrará o contexto literário referente a um determinado espaço: “C’est effectivement au-delà de la carte que naît l’espace de la littérature” (Laurel 2015: 168). Para lá do mapa e do espaço real – mas com eles relacionado – está o espaço literário, inexistente na realidade. Podemos falar aqui dos textos de viagem como ‘autobiografias intelectuais’, como refere Kenneth White: articulam-

se num espaço-tempo pessoal, mas ligado a múltiplas focalizações, que formam como que um esboço de mundo (vd. White 2006: 13).

Referindo-se à importância do espaço textual, Fredrik Tygstrup escreve: “La littérature est aussi l’expérience d’un univers singulier, avec des lieux, des sensations, des sentiments qui lui sont propres: à savoir des phénomènes qui sont de l’ordre de l’espace plutôt que temps. Il y a donc un espace littéraire” (Fredrik Tygstrup 2003: 57), espaço esse que pode ser de continuidade ou de ruptura.

O espaço no texto literário é sempre ficcional, não correspondendo a um lugar em si, mas a uma representação de um local muitas vezes relacionado com outros espaços que deram origem anteriormente a outros textos, que poderão (ou não) ser conhecidos do viajante, fazer parte da sua enciclopédia.

O espaço em si é algo que está sempre absolutamente disponível para um número infinito de leituras. Por seu lado, o leitor pode ter acesso a textos posteriores ao do viajante, nesse caso estes farão parte da construção do espaço pelo leitor, assim como da sua capacidade de comparar. Desta forma, a leitura pode dar lugar a uma construção mais vasta do que um determinado texto poderia prever à data da sua escrita.

A literatura, também a viagística, desenvolve-se dentro de parâmetros temporais, desde os da produção, aos referentes textualizados e aos tempos da leitura. Não é demais lembrar o conceito de ‘cronotopo’ de Bakhtine: não há espaço sem tempo, sendo que o tempo histórico e o tempo individual são fatores relevantes, ainda que se dê, em algumas análises, mais relevo às relações espaciais. Os textos de viagem testemunham passagens e são, agora representadas em texto, novos locais de passagem, desta feita pelo leitor.

Nesta perspectiva, os espaços literários serão vistos, seguindo Westphal, através da multifocalização, do polissensorialismo, onde o subjetivo se torna visível pelos sentidos, dados muitas vezes pela adjetivação a eles referente, e da estratografia, onde se têm em conta os diversos níveis temporais, dentro e fora do texto, mas também os diferentes estratos espaciais (vd. Westphal 2007: 188, 223). Estes textos têm sempre outros que lhes são anteriores e serão revisitados numa nova selecção de elementos.<sup>3</sup> Como diz Fátima Outeirinho, “a constituição do lugar ergue-se a partir desses imaginários geográficos a que

as narrativas de viagem dão voz, mapeando ainda por palavras uma geografia mental e dos afetos, difícil de materializar geograficamente” (Outeirinho 2016: 197). Há, como refere Tygstrup, “uma espacialidade da experiência” (Tygstrup 2003: 58), constituída não somente por textos, mas também por fotografias, quadros, desenhos e mesmo filmes. Ou, nas palavras de Wolfgang Hallet e Birgit Neumann, há uma diferença entre a vivência do espaço e a sua representação:

A orientação e o posicionamento no espaço têm tanto significação real como simbólica para a constituição ficcional do sujeito: as figuras são identificadas pelos espaços onde se encontram, e caracterizadas pelo modo como agem no espaço, atravessam fronteiras, ficam imóveis ou movem-se. (Hallet/Neumann 2009: 25)

O referente, nos seus aspectos geográficos, históricos, culturais, sociais, torna-se assim um elemento vital de análise, uma vez que o observador/viajante experiencia um espaço real, mas que ao fazer tem também em conta parte do mapa textual, aquela que faz parte da sua ‘enciclopédia’. Só que cada referente é individualizado, é só uma sua representação feita por um indivíduo único. Isto é, cada viajante usa um espaço real, que se oferece na sua totalidade mas que nunca poderá ser percepcionada, tão somente através de partes, de fragmentos. O espaço literário também é real, porque existe, mas são essencialmente distintos. Na produção e, depois, na leitura há sempre uma oscilação entre os dois.

Esta viagem textual é também influenciada pelo meio de publicação: se se trata de um livro de viagens, se integra uma ficção ou se surge como texto autónomo num jornal ou numa revista. Livros que falam de lugares, mas são eles próprios “non-lieu par excellence”, como refere Westpahl (Westphal 2007: 270), pois esses espaços textuais só existem como ‘ficções’. Há um outro aspeto importante, ainda que de difícil apreensão pelo leitor: é que a visão do viajante é perturbada pelos afetos e pelas memórias no momento da apreensão e, posteriormente, no momento da escrita. A imagem é sempre incompleta, cabendo à imaginação do leitor preencher o ‘puzzle’, e fazer a sua construção individual a partir de uma visão criada textualmente.

A intertextualidade é também um aspeto relevante, havendo uma interferência de textos anteriores na representação espacial dos diferentes autores. Na verdade, trata-se de uma auto- e de uma hétero-referencialidade, conforme reporta a obras anteriores do próprio autor ou, pelo contrário, reporta a obras anteriores de outros autores. Além da intertextualidade, há ainda a considerar a intercontextualidade, a rede que une os diferentes contextos, também ela, por sua vez, nas variantes auto e hétero. Isto é, não são só referidos outros textos, estão igualmente implicados outros contextos, tanto extratextuais como intratextuais (Homscheid 2007: 280-285). Alguns destes textos estão direta ou indirectamente ligados ao discurso orientalista ocidental, tal como Edward Said o definiu.<sup>4</sup>

Ao analisarmos textos de viagem, sobretudo se não são muito recentes, há que ter em conta binómios em confronto: o olhar diacrónico (“une exploitation en profondeur”) e o olhar sincrónico (“une exploitation en surface”), um olhar das várias histórias, as dos espaços e as suas narrativas, e um olhar presente, o da viagem. Esses olhares ficam marcados por essa dupla temporalidade, contrariamente ao que acontece aos guias turísticos, que perdem rapidamente a sua atualidade (Westphal 2009: 16-19, 26).<sup>5</sup>

Por outro lado, os textos de viagem são escritos em tempos diferentes dos da leitura, o que implica que esta atividade tem forçosamente contextos diferentes que condicionam cada leitor na sua leitura singular. Quanto mais distantes estão os momentos da escrita e os da leitura, mais são os estratos temporais que podem intervir na construção que o leitor faz dos espaços. A atividade de leitura é condicionada por fatores similares aos da produção, distinguindo-se crucialmente pelo facto de o leitor não ter de conhecer os espaços descritos, com os quais pode, contudo, ter tido relações textuais de carácter geográfico, histórico, cultural. Os espaços do leitor são, por isso, sempre diferentes dos do autor, desde logo porque os tempos e os contextos são diferentes. Neste processo interfere o que Ernst Bloch denomina de *Ungleichzeitigkeit*, “uma assincronia generalizada, nunca havendo a possibilidade de coincidências temporais (cf. Westphal 2017:144).

Na análise que vou fazer a seguir, parto essencialmente da perspectiva do leitor. Se partilho alguns instrumentos da geocrítica, terei em conta enquadramentos que olham a produção e o texto, e considero igualmente contribuições dos estudos de receção.

Concentrar-me-ei em textos que falam das experiências de diferentes viajantes em Persépolis. Em vez da geografia das cidades como espaços sociais, tão no centro das atenções geocríticas, centrar-me-ei num micro-espaço, nas ruínas de uma cidade, que foi capital do grande império persa de Dario I, no século VI AC, até à sua destruição por Alexandre Magno no século IV AC. Trata-se, portanto, de um lugar estático, sem vida própria, exceto aquela que lhe é dada pelas autoridades, por arqueólogos e turistas. A cidade de Persépolis foi referida muitas vezes por historiadores e viajantes da Idade Média e do Renascimento, mas foi sobretudo no século 20 que ela ganhou fama e conquistou uma aura especial a partir das ruínas, símbolo de um velho poder, surgindo muitas vezes ligada aos monumentos fúnebres de Naqsh-e Rostam.<sup>6</sup>

## 2. Persépolis: olhares sobre as ruínas

Westphal refere a palavra alemã *Ruinenromantik*. De facto, os românticos alemães dedicaram uma atenção especial às ruínas românticas, como se pode ver em pinturas de Caspar David Friedrich (1774-1840), mas também do francês Hubert Robert (1733-1804). Este culto das ruínas liga-se, assim, a uma nostalgia e a uma melancolia por um passado. Em muitas das ruínas projectavam-se nostalgias e sensações de melancolia face a um passado imaginado e projectado nelas. As ruínas representam uma vivência estética desfuncionalizada. Mas representam também, como escreve Hartmut Böhme, “as insígnias do deus Chronos, ganhando outros significados na escrita, no livro da História, na *ars memoriae* e na arte, que contrapõem ao esquecimento do significante o arquivo grandioso da memória, nascendo do orgulho e da tristeza.” (Böhme 1989: 290). Se através de documentos históricos sabemos da opulência da cidade imperial persa e da sua religião, o zoroastrismo, sabemos também da sua destruição. Uma vez arrasada e queimada, não restam mais do que fragmentos de uma história, com espaço para ser preenchido pela imaginação dos viajantes e dos leitores. Para além da destruição, o espaço sofreu a erosão do tempo e revela marcas da passagem das pessoas, dos que ali trabalham e dos simples visitantes.

Já em 1907 o sociólogo alemão Georg Simmel (1858-1918) escrevia sobre as ruínas:

Do ponto de vista da finalidade, o interior de um palácio ou de uma igreja, de um castelo ou de um pavilhão, de um aqueduto ou de uma coluna comemorativa, a sua figura em ruínas é um acaso sem sentido; só um novo sentido pode dar nova vida a esse acaso. [...] A ruína cria a forma contemporânea de uma vida passada, não nos seus conteúdos ou restos, mas do seu passado em si. (Simmel 1907:1-2)

Na paz silenciosa e estática do deserto, Persépolis testemunha silenciosamente a tragicidade da história da cidade, da guerra e da paz, da perenidade do poder, da passagem inexorável do tempo. O velho palácio não representa mais do que uma etapa dos viajantes, não constitui uma meta em si. Quem lá vai tem que se desviar das rotas normais, o que quer dizer que tem um maior ou menor conhecimento da cidade.

Persépolis foi aparecendo em diversos textos da antiguidade, mas foi só a partir do século XVI, com o incremento das viagens, que passou a figurar na rota dos viajantes.<sup>7</sup> Em 1602, o missionário português António de Gouveia visitou o local, tendo-se interessado sobretudo pelas inscrições cuneiformes e pelas representações de animais com cabeças humanas. O embaixador espanhol García de Silva Figueroa (1550-1624), que a visitou entre 1617 e 1619, deixou o seu testemunho, “descrevendo ‘a beleza das colunas que tendem para o céu’” (vd. Soldi e vários 2008: 15). Muitos outros passaram pelas ruínas, tal como o italiano Pietro della Valle (1586-1652), o francês Jean de Thévenot, alemães como Adam Olearius (1599-1671) e Johann Albrecht Mandeslo (1616-1644), ingleses como Thomas Herbert (1602-1682)<sup>8</sup> e John Fryer (1650-1733), a quem se devem interessantes descrições do local, e o holandês Cornelis de Bruijn (1652-1726/7), que lá permaneceu três meses em 1714, publicando desenhos das ruínas. Muito importantes foram os trabalhos do alemão Carsten Niebuhr (1773-1815), ao serviço de uma expedição dinamarquesa, que deixou uma pormenorizada descrição de Persépolis e uma decifração da escrita cuneiforme.<sup>9</sup> Muitas outras viagens se seguiram, até que, em 1878, o governador de Fars deu início às escavações, logo seguido por arqueólogos franceses e pelo Coronel britânico Henry Rawlinson, que transcreveu parcialmente os símbolos cuneiformes. Uma das grandes fontes de informação sobre a zona foram sem dúvida os textos da inglesa Gertrude Bell (1868-1926). Mas foi só entre 1931 e 1939 que Ernst Herzfeld e Ernst F. Schmidt, alemães ao



serviço do Oriental Institute da Universidade de Chicago, deram um impulso decisivo às escavações.

O palácio inicialmente foi sendo construído ao longo de 200 anos e representava o poder dos aqueménidas. O viajante inglês Jason Elliot escreve num livro sobre a sua viagem ao Irão: “But even as a ruin, Persepolis is dramatic. [...] Persepolis is built on a fitting scale for kings whose rule was divinely ordained” (Elliot 2006: 342). Elliot defende ainda que a função de Persépolis era sobretudo simbólica, não militar. Alexandre, ao derrotar o império, teria que aniquilar o seu principal símbolo (Elliot 2006: 346).

### 3. Persépolis em cinco escritores/viajantes do século XX

Irei, agora, seguir a rota de alguns viajantes que deixaram nos seus livros testemunhos das respectivas visitas às ruínas de Persépolis. Por razões metodológicas, que têm a ver com a utilização intertextual de textos anteriores, seguirei uma ordem cronológica. Verifica-se também uma evolução no modo de apreender esse Médio Oriente, afastando-se do orientalismo anterior, e também do discurso colonialista, com uma maior abertura ao Outro.

Começemos com Vita Sackville-West (1892-1962). Conhecida pela sua vida e pela sua amizade com Virginia Woolf, pela sua escrita, esteve na Pérsia duas vezes, em 1926 e 1927, para visitar o marido Harold Nicholson, diplomata em serviço em Teerão. Escreveu dois livros sobre o país, *Passenger to Teheran* (1926) e no ano seguinte *Twelve days in Persia*. Para ela, “[t]ravel is the most private of pleasures. There is no greater bore than the travel bore” (Sackville-West 2010: 25). Sackville-West reflete sobre o papel da linguagem nas representações dos locais visitados: “It may be that language, that distorted labyrinthine universe, was never designed to replace or even complete the much simpler functions of the eye. Language follows, a tortoise competing with the velocity of light” (Sackville-West 2010: 27). E cita um outro viajante inglês, Alexander Kinglake (1809-1891): “Like Kinglake’s traveler, I was fit only to report of objects, I might add, a great many attributes they could not really possess” (Sackville-West 2010: 45).

Neste primeiro livro, Sackville-West relata a sua chegada a Teerão e a coroação do



Reza Xá, que vê como uma grande realização carnavalesca, e a sua viagem por diferentes partes da Pérsia. No segundo livro, *Twelve days in Persia*, viaja para o sul, sobretudo para encontrar as tribos nómadas dos Bakhtiari, terminando com uma visita a Persépolis, apresentada no capítulo XXIII. Inicia o capítulo que representa o início da viagem de regresso referindo a sua posição de escritora: “I wish I could say that my impartiality had been such that the reader is unable to tell which way my sympathies lie” (Sackville-West 2009: 131). A imparcialidade poderá ser conseguida num guia, num discurso científico, mas nunca num relato de viagens, onde a subjetividade do viajante observador se abre ao espaço real. Persépolis, diz ela, está na encruzilhada entre os nómadas de Bakhtiari e os interesses britânicos, representados pela Anglo-Persian Oil Company. A descrição da cidade começa por referir a posição numa planície completamente isolada: “Persepolis gains in splendour from its isolation” (Sackville-West 2009: 132). A viajante chega com algumas expectativas que foram criadas ainda em Inglaterra, com a leitura de, pelo menos, o livro do historiador romano, provavelmente do 1º século da nossa era, sobre a vida de Alexandre Magno, Quintus Curtius, que a autora refere especificamente. As ruínas parecem-lhe mais pequenas do que esperava. É um espaço solitário, com as suas colunas a apontarem para o céu: “As a ship launching out on an expanse of sea, the great terrace drives forward on the plain, encircled by mountains and the open sky and the hawks that wheel and hover between the columns” (Sackville-West 2009: 132). Vestígios da cidade à volta do palácio, onde viviam as pessoas (“the dwellings of the people” (Sackville-West 2009: 132)) desapareceram completamente, o material de que era construída seria demasiado frágil (“wattle and sun-dried bricks, ephemeral material, whereas the kings glorified themselves in stone” (Sackville-West 2009: 132)). Com a aproximação ao local apercebe-se da grandiosidade do palácio (“how massive that structure really is” (Sackville-West 2009: 133)) e tenta descrever o espaço, levando o leitor consigo: “Now you are in the midst of the ruins; [...] A little further, and you are in the Hall of the Hundred Columns” (Sackville-West 2009: 133). E releva a importância dos fragmentos que deixam antever o que a cidade terá sido há milhares de anos: “wars and dynasties roll their forgotten drums, as the fragment is balanced for a moment in the palm of the hand” (Sackville-West 2009: 133). Chama-lhe

igualmente a atenção o silêncio que contrasta com a azáfama do espaço outrora habitado, tal como ela o terá imaginado. O tempo passou, a mão humana mal tocou a cidade desde que Alexandre a destruiu. Aqui a autora socorre-se da hétero-contextualização, ao referir o passado histórico, o lado diacrónico do seu discurso (lido/apreendido), que se liga à apreensão daquele espaço vivenciado. Sackville-West termina o capítulo referindo outras cidades arruinadas, como Palmira, Heliopolis, que compara com a “superb isolation of Persepolis” (Sackville-West 2009: 137). Victoria Glendinning escreve na biografia da autora: “But in 1927 she saw the country as a ‘potential paradise’, and the approach to the oilfields on the other side of the mountain as a transition from Paradise into a ‘hell of civilization’” (Glendinning 1983: 174). Sackville-West viaja com pouco tempo (sobretudo se compararmos, por exemplo, com Gertrude Bell, a grande viajante britânica dos finais do século 19 e inícios do 20). Enquadra-se no discurso orientalista e colonialista, de poder, embora manifeste uma abertura face ao Outro, sobretudo o marginal que vive nas montanhas do sul do país.

A descrição da autora, ainda que tentando ser objetiva, não o é pela selecção pessoal dos aspetos que mais a afetaram e que encontram eco no discurso escolhido.

Muito diferente é a abordagem feita por Robert Byron (1905-1941) no seu livro *The road to Oxiana* (1937), que aqui apresentarei na edição portuguesa da Tinta-da-China. Reporta-se a uma viagem de Veneza ao Afeganistão, levada a cabo em 1933 e 1934. O motivo central da viagem é o estudo da arquitetura islâmica da época dos Sejluk (entre os séculos XI e XIII), dos Timuredes (1387-1502) e dos Safavidas (1502-1737). Byron preparou a viagem com a leitura de vários livros, entre os quais *Ten Thousand Miles Across Persia*, de Percy Sikes, e *Persion Survey*, de Upham Pope, que serviram como base intertextual de algumas passagens. O autor foi muito crítico face ao colonialismo britânico e aos seus contemporâneos que viajam como ele:

Conhecemos bem estes viajantes modernos, estes delegados de turma que cresceram demais e os pseudocientistas enfadonhos para aqui enviados por congregações de funcionários apagados para verificar se as dunas de areia cantam e se a neve é fria. [...] Chegam aos recantos mais longínquos da

Terra, mas para além de comprovarem que as dunas cantam realmente e que a neve é mesmo fria, que observam eles que enriqueça o espírito humano? Nada. (Byron 2014: 343)

Questiona frequentemente a visão dita orientalista de muitos viajantes, sobretudo britânicos,<sup>10</sup> mas também não deixa de criticar alguns aspectos da sociedade persa, por exemplo a obrigatoriedade de os homens usarem uns chapéus, mais parecidos com os bonés dos funcionários das estações dos caminhos de ferro franceses.

Sendo o seu interesse essencial o estudo da arquitectura islâmica, é natural que não dedique tanta atenção à arquitectura em ruínas do império persa, nem a outros aspectos a que outros viajantes darão grande importância.

Contrariamente a Vita Sackville-West, o interesse de Byron por Persépolis é reduzido. Na zona, interessam-lhe mais os monumentos fúnebres de Naqsh-e Rostam, apesar de só achar um verdadeiramente belo. Vê os restantes como arte negativa, até hedionda, como se nota no seu comentário a um dos painéis: “Um grupo sassânida. O rei – de calças à *cowboy* em musselina, sapatos de ponta quadrada, longas fitas ondulantes e chapéu abalonado” (Byron 2014: 228).

Relativamente a Persépolis, o leitor fica a saber mais da polémica de Byron com o arqueólogo Ernst Herzfeld relativamente à possibilidade de se tirarem fotografias, facto que provoca a veemente oposição do arqueólogo alemão, que faz daquelas ruínas a sua coutada particular. Byron ganhou a batalha e um inimigo. Assim, não pode ter as conversas que queria ter com o arqueólogo.

Paciência! Antigamente, chegava-se aqui de cavalo. Subiam-se, a cavalo, os degraus que dão para o terraço. Ali montava-se acampamento, e as colunas e os animais alados mantinham a sua solidão sob as estrelas, e nem um som nem um movimento perturbavam a planície vazia, banhada pelo luar. Pensava-se em Dario, em Xerxes e em Alexandre. Estava-se a sós com o mundo antigo. (Byron 2014: 237)

Byron imagina que as paredes deviam ter sido de lama e os telhados de madeira, construção seguramente bastante grosseira. Só restou o que era de pedra, nomeadamente as colunas, que são surpreendentes, mas pouco originais. Vai reconstruindo alguns aspectos

da construção através de pequenos pormenores de que se dá conta, como as estruturas das portas pela originalidade da sua construção, pelo que lhe é dado ver. O terraço e as escadarias não merecem mais do que a qualificação de “interessantes” (Byron 2014: 238). A decoração corresponde ao que os franceses denominam “*faux bons*”: têm arte, mas não é espontânea e nem sequer é uma grande arte: “Em vez de intelecto ou emoção, emanam um refinamento sem alma” (Byron 2014: 239). É com alívio que parte de Persépolis a três de Março, em direção a Isfão.

Pouco depois chegava a Persépolis outra viajante, Annemarie Schwarzenbach. Na sua curta vida, esta escritora, fotógrafa, jornalista e viajante esteve cinco vezes na Pérsia/Irão. Escreveu essencialmente para jornais suíços, mas também publicou um livro de viagens e usou a sua experiência para obras ficcionais. Da primeira visita resultou o único livro de viagens que publicou: *Winter in Vorderasien*, traduzido em Portugal em 2017 com o título *Inverno no Próximo Oriente*. Ela parte de Zurique em 12 de Outubro de 1933. Começa logo a ficar fascinada pela vastidão da paisagem no Próximo Oriente (Georgiadou 1995: 117).<sup>11</sup> Em março de 1934 entra na Pérsia, segue os passos de Alexandre, quer ver o que resta do esplendor da velha Pérsia, do culto do zoroastrismo, mas também do novo Irão, especialmente Isfão. A viagem dura até Abril de 1934 (*idem*: 121-126).

Começamos com *Inverno no Próximo Oriente*. A escritora-viajante parte como observadora, escondendo-se como se só quisesse registrar o que lhe é dado ver, também a partir do que conhece, como doutorada em História e amante da arqueologia. O livro está dividido em quatro partes, que por sua vez estão divididos em sub-capítulos geralmente com indicação de locais. “Persépolis” é o último capítulo do livro (Schwarzenbach 2017A: 167-177).

O capítulo começa com a viagem em direção a Persépolis, uma viagem atribulada que concentra toda a atenção da narradora, que se esconde no uso da 1.<sup>a</sup> pessoa do plural. Foca essencialmente o motorista e o ‘Pequeno Maltrapilho’, como era denominado o rapazito que o ajudava, a única figura local que merece mais atenção à narradora. (vd. Schlieker 2003: 160). Chuvas, cheias, problemas técnicos dificultaram a viagem. Pouco se apresenta da paisagem, esta só surge praticamente quando a viajante está no terraço do palácio e olha

para a planície e as colinas. A narradora dedica pouco mais de meia página ao local: “Persépolis estendia-se nos confins de uma nova planície. Sobre um alto terraço, as suas colunas recortavam-se, magníficas, no céu nublado e o seu nome tornou-se uma realidade” (Schwarzenbach 2017A: 170). Como é frequente nos textos da autora, os nomes são portadores de muitos significados, de memórias de histórias ouvidas ou lidas: “Tudo o que o nome real de Persépolis continha adquiria contornos e consistência, condensava-se, como que através de um ato criador único, numa forma eloquente e definitiva” (Schwarzenbach 2017A: 170). A grandeza do local torna-se clara através dos detalhes: “nas cabeças dos touros fogosos e dominados, nos cavalos de parada com os guizos, os anéis dos seus arreios e dos freios artisticamente trabalhados, nos cortejos de camelos dos portadores dos tributos, nas fileiras de soldados e na mão graciosa e miúda do pajem carregado de flores” (Schwarzenbach 2017A: 170). Referindo-se a outros textos neste livro, Decock afirma: “a instância narrativa interioriza oportunamente o conceito de ‘conquista e abraço amorosos’” (Decock 2010: 108). De facto, a narradora conquista este espaço pela primeira vez e abraça-o, tornando-o seu.

Em Setembro de 1934, Schwarzenbach volta ao Irão, onde estará até Dezembro, para lá voltar em Abril de 1935, para casar com o diplomata francês Claude Clarac, o que lhe possibilitará ir para o acampamento da Embaixada britânica, no vale de Lahr, facto que estará na base de *Morte na Pérsia* e de *O Vale Feliz*. É também neste período que conhece a fotógrafa norte-americana Barbara Wright, com quem se encontrará mais tarde na Suécia e nos Estados Unidos. No primeiro destes títulos, há um capítulo intitulado “Recordações: Persépolis”, enquanto no segundo as referências ao local encontram-se espalhadas em diferentes partes da narração.

O capítulo em questão inicia-se de modo semelhante ao de *Inverno no Próximo Oriente*, mas as pessoas são diferentes: agora é o motorista Rachid e Barbara Wright, figuras presentes na narração: “Era a mesma estrada que os soldados de Alexandre tinham percorrido, há tantos séculos atrás, quando um mundo ruiu com o incêndio de Persépolis, em direcção ao norte, no encalço de Dario. O rei estava em fuga.” (Schwarzenbach 2008: 55). Até que a viagem termina: „Vimos as colunas da cidade ao luar, deixámos a estrada, e

eu reconheci tudo outra vez, e a minha alegria era tão grande que abracei Barbara” (*idem*: 57). É a alegria do reconhecimento, frequente na escrita da autora. O palácio surge à luz do luar, este funciona como uma espécie de *leitmotiv* desta curta visita. Como nota Kira Schmidt: “A ‘cidade’ e os seus arredores aparecem como que caídos num sono de lendas”, num sono de paz, ainda que ajudado pelas conversas e pela vodka (Schmidt 2008: 76). Schwarzenbach tem, pois, uma relação positiva com a cidade, mas também aqui, pouco fala dela. “Como ruína é, na verdade, um lugar do passado, mas uma pessoa recorda-a e cria espaço para um futuro esperançoso” (Schwarzenbach 2008: 77).

Entre este livro e o próximo, *A Morte na Pérsia* (ainda que não publicado pela autora), a atitude de Schwarzenbach modifica-se algo, deixa de ser uma observadora exterior, para se integrar mais com os locais, ainda que os com uma certa cultura, falantes de francês, inglês ou alemão. Esta atitude terá como seu motor principal a relação com Jalé, a filha do embaixador turco, como nota Schlieker (Schlieker 2003: 169). Neste ponto, o momento sincrónico ganha uma maior importância, porque há uma maior relação com o espaço social. Os textos começam a reflectir mais o seu trajeto existencial, a viagem terá cada vez mais a função de auto-procura.

Persépolis aparece aos olhos do narrador de *A Morte na Pérsia* como um lugar de recordações e memórias, ainda que também ligado também à melancolia e à calma, ao “silêncio sobre-humano e desapaixonado” (Schwarzenbach 2008: 58). Segue-se uma conversa entre o narrador, a fotógrafa americana Barbara Wright, e os colegas Heynes e Richard, que trabalham no local. Referem Herzfeld, que, por ser judeu, foi expulso do seu país, e que aqui é substituído por jovens americanos, para quem é preciso começar tudo de raiz, desprezando o trabalho feito anteriormente. Barbara, entretanto, saiu da tenda e o narrador vai procurá-la. A paisagem noturna é retomada:

[...] da irreabilidade desmedida lá fora, do luar, do brilho do deserto, do caminho que seguia até aos cumes brancos dos penedos, dos túmulos dos reis, onde dormitam cabritos monteses e jazem para sempre navios estrangeiros com as velas rasgadas” (Schwarzenbach 2008: 66). O luar aparece nos escritos em zonas desérticas como o domínio do sonho, da imaginação e da noite. (Decock 2010: 92)

Como contraste, é-nos referida a taberna junto à refinaria de petróleo, onde as caras dos trabalhadores chamam a viajante à realidade, que Schwarzenbach vê, em muitos textos, como preocupante, porque destrói milénios de tradições.

Não vou analisar aqui *O Vale Feliz*, quero somente referir que Persépolis vai surgir aqui como um dos locais que o narrador gosta de recordar, como o faz no 3.º capítulo:

Persépolis: o terraço real paira sobre a planície como que suspenso por cordas e o esplendor das escadarias e dos palácios é excedido pela elegância das colunas; nas ruínas da imponente sala jaz, fendida, a gigantesca cabeça de touro. Vista sobre a planície amarelo-pó em cuja extremidade os montes repousam, ainda e sempre, como navios encalhados. (Schwarzenbach 2017B)

Persépolis pode ser vista na obra de Schwarzenbach como uma heterotopia, um lugar outro relativamente ao seu lugar usual, um lugar que se distingue pela qualidade de vida que proporciona à autora, ainda que seja um lugar de passagem, de pouca duração. E, simultaneamente, é um modo de introduzir o tema da relativização do tempo.

Um outro viajante a visitar estas ruínas foi o suíço Nicolas Bouvier (1929-1998). Partiu de Genebra com 2.000 francos no bolso, em junho de 1953, em direção a Nova Deli, num velho Fiat Topolino, primeiro até à Jugoslávia, onde se reuniu com o seu companheiro de viagem, o pintor Thierry Vernet. Relatou a viagem somente em 1963, no livro *L'Usage du Monde*. Como em Byron, estamos perante uma dupla temporalidade: a da viagem e a da escrita, ou, como nota Laurel, trata-se de um “[t]exto de maturidade, onde são descritas as aventuras do jovem viajante que foi o narrador” (Laurel 1996: 192). O texto é narrado na primeira pessoa do singular, por vezes aparecendo a formulação ‘nós’, que tanto inclui Thierry, como ‘eu’, onnipresente, mas não onnisciente. Atentemos no título: “O uso do mundo”. O narrador não quer impor o seu eu, a sua ‘enciclopédia’, quer usar o mundo como ele é, nos seus infinitos fragmentos. O mundo está lá, disponível para a multiplicidade de leituras, de usos. Viajar é tentar tornar-se transparente, mas com a alegria de que fala Leclaux. Esta maneira de viajar centra-se numa ideia central: “être au monde” (Lecloux 2010: 57). Daí a importância de se viver o presente, ainda que o passado tenha o seu lugar, como parte do presente. De novo Laurel:



Le regard de Bouvier s'arrête sur ce qui le sépare de l'autre – dans la reconnaissance des différences culturelles – pour essayer de le comprendre, créant ainsi des liens de solidarité par le partage de ce qu'on lui offre (un repas, par exemple, un sourire, un regard de complicité, la beauté d'un paysage), mais aussi par le partage de la difficulté à vivre. (Laurel 2006: 201)

O espaço e o tempo tornam-se, assim, relativos.

Olhemos os apontamentos sobre Persépolis, onde os dois viajantes passaram a noite de seis para sete de julho de 1954. O autor começa por utilizar, na designação da secção narrativa, o nome persa: Takht-e Djamshid. Começa com uma descrição muito breve, salientando que as ruínas não são mais do que o que resta de uma cidade real, para depois se concentrar no encontro com o guarda. Olha em volta, tal como os outros viajantes aqui apresentados: as montanhas ao fundo e a planície, vistos do terraço, e as colunas de pó à passagem dos camiões. Refere sobretudo o palácio: “Exceptuando o lanço monumental que leva ao terraço, os muros verticais a uma escadaria cheia de baixos-relevos e duas enormes salas hipostilos cujo aspeto é hoje difícil de imaginar, é um estaleiro de enormes pedras, a saque há 24 séculos” (Bouvier 1992: 276). Termina a descrição com alguma tristeza: “Esta vizinhança do esboçado e do demolido dá às ruínas uma espécie de amargura ambivalente: a infelicidade de ter sido destruída antes de verdadeiramente habitada” (*ibidem*). A seguir volta-se para o presente, para o guarda que lhes dá guarida, mas que não quer que andem sozinhos pelas ruínas, ameaçando que há porcos-espinhos que lançam flechas! No dia seguinte partem e, por ocasião de uma das muitas avarias, conhecem uns camionistas solícitos que os ajudam.

Termino esta viagem com o olhar por palavras do escritor espanhol contemporâneo Higinio Polo, escritor e professor de História em Barcelona. Viajou por todo o mundo, para o olhar criticamente, como diz numa entrevista, onde refere ainda que não se escreve sobre viagens, mas sobre pessoas. “Irán es un gigantesco país, en gran parte desértico, cuyo pasado nos atrapaba y cuyo presente nos inquietaba” (Polo 2002: 27). Leu muito antes de partir: Marco Polo, Montesquieu, Pierre Loti, Robert Byron, Ryszard Kapucinsky, entre outros, mas também tem presente quadros orientalistas franceses, como os de Eugène

Flandin. Leu os poetas persas, Ferdowsi, Hafez, Rumi, alguns em tradução do norteamericano Edward Fitzgerald com o título *Robayat*.<sup>12</sup>

Em Polo a diacronia e a sincronia aliam-se de modo muito construtivo, criando um mapa pessoal de grande qualidade.

Não simpatiza com os costumes dos mullahs e dos ayatolas que libertaram o país de uma prisão e o encerraram noutra:

La vieja doctrina persa, el zoroastrismo que había sido oficial durante el imperio sasánida, cultivaba la alegría y el placer, lo que contrastaba con las inclinaciones trágicas del Islam iraní, con el gusto por la tristeza y la desgracia, por la monotonía agria de las vestimentas fúnebres y su obsesión por ocultar la belleza de la mujer. (Polo 2002: 103)

É este desejo de ver o país entre o passado e o presente que leva Higinio Polo a visitar Persépolis: “Llegamos a Persépolis a media mañana y la primera impresión que tuve, con el sol de frente, fue que aquellas ruinas de los reyes persas formaban una muralla” (Polo 2002: 90). Refere a emoção de Pierre Loti face àquela visão, que partilha. “Apenas se oía el silencio” (Polo 2002: 91). A história e a visão de outros encontram-se no presente do narrador: “Recorrimos con devoción el pedregal que habían pisado Byron y Herzfeld y que llegaba hasta la puerta de las naciones, hasta la altura de los cascos de los toros alados que velan la entrada de la explanada” (Polo 2002: 91-92). Percorre o espaço e encontra *grafittis* modernos: o americano Stanley inscreve o seu nome em 1870, também um cônsul britânico quis deixar a sua marca, e alguns outros. Descreve, como nenhum dos anteriormente referidos, o espaço grandioso do terraço, das duas salas (uma delas com quase 4.000 metros quadrados), a escadaria, os frisos, as colunas. A este propósito, Polo cita Sigfried Giedion, que descrevera o espaço como um “bosque de columnas gigantesas” (Polo 2002: 93). Contemplou os relevos em pedra dos imperadores, viu o símbolo dos zoroastrianos, contemplou, com emoção, a grandeza de Persépolis e quer transmiti-la aos leitores.

Polo segue a sua viagem parando em Naqsh-e Rostam: “El escenario era grandioso” (Polo 2002: 94). O viajante deixa-se tomar por aquela vivência, contrariamente a Byron.

Possivelmente teve mais tempo que Sackville-West e Schwarzenbach e mesmo que Bouvier para dialogar com o espaço e as diferentes leituras que faziam parte da sua ‘enciclopédia’.

#### 4. Algumas conclusões possíveis

Concluindo esta digressão, vemos que Persépolis se apresenta aos viajantes das mais diversas maneiras, cada um escolhendo os fragmentos que mais lhe chamam a atenção, face a um espaço que se oferece vazio e isolado; como ruínas, elas apresentam-se desfuncionalizadas, mas são, na realidade, portadoras de muitas memórias, nomeadamente as que surgem noutros relatos viagísticos, constituindo um lugar textual com numerosos estratos temporais. O lado diacrónico só existe através de narrativas textuais, as próprias ruínas apresentam-se vazias se não forem suportadas por histórias, por textos, portanto por um vasto mapa que se foi criando ao longo dos tempos. Cada texto novo modifica parcialmente o mapa geral, quando acrescenta algo de novo e não se limita a uma mera cópia de fragmentos.

Todos os viajantes aqui analisados começam por referir aspetos da viagem e das respetivas deslocações até Persépolis. Cada viajante ‘lê’ aquele espaço na sua dimensão real, mas também textual, sendo influenciado pelo que leu anteriormente à sua deslocação. Há pontos comuns, que estão presentes nos diversos relatos, quer a nível diacrónico quer a nível sincrónico. Partilham todos a história do espaço, desde a sua construção, a destruição e a passagem dos milénios, que se refletem no estado atual, mas também partilham diferentes relatos anteriores, que estão na base da ‘enciclopédia’ de cada um. Isto implica que textos mais recentes têm um número de fontes possíveis mais alargado. No *corpus* aqui escolhido, isso torna-se claro sobretudo no texto de Higinio Polo, aquele que dedica mais espaço à descrição das ruínas, integrando-as num discurso histórico e cultural, tecendo pontes com o presente. Relativamente a aspetos ligados à sincronia detetam-se vários aspetos em comum, ainda que cada seleção individual dependa quer do grau de conhecimento prévio, quer do estado emocional, no presente da narração:<sup>13</sup> a localização geográfica, isolada no meio do deserto, a grandiosidade (apesar da destruição). Sackville-West integra-se num discurso de viajantes britânicas, em viagem pelas colónias, com

espírito de aventura, de desejo de conhecimento, vendo o novo em comparação com as suas origens. Byron é o menos emocional dos autores aqui escolhidos. Poder-se-ia comparar a falta de entusiasmo face a Persépolis com a sua reacção a outros monumentos islâmicos que visitou na viagem pela Pérsia e pelo Afeganistão; mas é também o mais irónico. Annemarie Schwarzenbach não se espraia muito na descrição, fá-la de modo muito conciso, porém, com grande admiração e grande alegria quer na ligação do nome à realidade, quer, aquando da segunda visita, no entusiasmo do reconhecimento. Bouvier interessa-se mais pelas vivências e contactos humanos: depois de uma breve descrição, liga as ruínas à destruição de que foram alvo, o que lhe causa tristeza.

Da Persépolis real, os autores percecionaram apenas fragmentos, a que se juntaram outros fragmentos do “mapa cultural total”. Do encontro destes dois espaços surge uma representação da antiga cidade, oscilando entre o olhar subjetivo e o estereótipo. Num encontro entre diacronia (os diversos estratos temporais e as suas marcas no terreno, como também de textos anteriores ao da produção dos aqui referidos) e a sincronia surge uma representação única daquele espaço que foi uma coisa e hoje é outra completamente diferente. Tratando-se de um encontro com um espaço socialmente vazio, a questão com o Outro não é relevante, o que não se aplica a outras partes dos respectivos livros.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> Este estudo foi desenvolvido no âmbito do Programa Estratégico “UID/ELT/00500/2013” e por Fundos FEDER através do Programa Operacional Fatores de Competitividade – COMPETE “POCI-01-0145-FEDER-007339”.

<sup>2</sup> Maria Hermínia Laurel fala de “espace vécu/perçu” (Laurel 2015: 165).

<sup>3</sup> Rachel Bouvet escreve também: “Il n’en demeure pas moins que la métaphore spatiale de ‘champ’ se complexifie quando on ajoute celle de l’archipel [...] Si la continuité provient de la mer, la discontinuité en

---

revanche émane de la configuration particulière de la terre. [...] Un archipel se nourrit des liens entre les différentes îles” (Bouvet 2015: 7, 15 e 20).

<sup>4</sup> Nos anos 30, notam Decock e Schaffers que a inserção destes textos no discurso orientalista é também uma reacção ao espírito destrutivo e inseguro na Europa, procurando-se um espaço alternativo, ainda que idealizado (vd Decock/Schffers 2017: 65 e 71).

<sup>5</sup> Cf. Westphal: “Como o espaço só existe na vertical permanentemente reactivada dos seus estratos temporais, a geocrítica terá uma vocação arqueológica, melhor dizendo, estratigráfica. Esta perspectivação diacrónica, mais ou menos profunda, afecta a relação do texto com o referente: é que a representação intervém a um segundo tempo, o da *apreensão* estética de ‘algo’ pré-existente.” (Westphal 2017: 107).

<sup>6</sup> Persepolis esteve no centro das celebrações dos 2.500 anos do Império Persa, em 1971, uma festa escandalosamente luxuosa organizada pelo Xá.

<sup>7</sup> A iraniana Marjane Satrapi, exilada em França, intitula a sua obra *Persepolis*, onde narra a relação com o país desde o nascimento, utilizando o nome da antiga cidade persa como símbolo do Irão e da sua história, não utilizando o nome como referente espacial.

<sup>8</sup> Vd. *Encyclopædia Iranica*, Great Britain vii. British Travelers to Persia, cap. vii. BRITISH TRAVELERS TO PERSIA (<http://www.iranicaonline.org/articles/great-britain-vii>).

<sup>9</sup> A descrição de Niebuhr serviu de base às considerações filosófico-culturais e históricas de Johann Gottfried von Herder (1774-1803), como ele escreveu nas 16 cartas que compõem as *Persepolitanische Briefe*, escritas em 1798, mas só publicadas postumamente em 1805 (vd. Tafazoli 2007: 368-402).

<sup>10</sup> Manfred Pfister escreve num artigo que dedica a Byron: “Here, with Byron, it is however, taken to witty exytemes and used pointedly to deflate the Western discourses of Orientalism” (Pfister 1999:484).

<sup>11</sup> Para mais informações pode ler-se Gonçalo Vilas-Boas 2015.

<sup>12</sup> Fernando Pessoa também utilizou esta tradução de Fitzgerald na sua tradução com o título *Rubaiyat*.

<sup>13</sup> Vd. o conceito de ‘Affektlogik’, de Luc Ciompi, baseado na ideia de que o lógico e o afectivo estão sempre presentes no conhecimento e nos sentimentos, variando o peso de um ou de outro lado (<http://www.ciompi.com/de/affektlogik.html>).

## Bibliografia

- Böhme, Hartmut (1989), “Die Ästhetik der Ruinen”, in D. Kamper, Chr. Wulf (Hg.), *Der Schein des Schönen*, Göttingen, p. 287-304.
- Bouvet, Rachel (2015), *Vers une approche géopoétique*, Québec, Presses de l’Université de Québec.
- Bouvier, Nicolas (1992), *L’Usage du Monde*, Paris, Petite Bibliothèque Payot.
- Byron, Robert (2014), *A estrada para Oxiana*, Lisboa, Tinta da China.
- Decock, Sofie (2010), *Papierfähnchen auf einer imaginären Weltkarte. Mythische Topo- und Tempografien in den Asien- und Afrikaschriften Annemarie Schwarzenbachs*, Bielefeld, Aisthesis.
- Decock, Sofie/Uta Schaffers (2017), „... “such are the jpys of travelling when you do not speak the language of the country you are passing through“. Zugänge zur anderen Kultur in Reisetexten von Frauen der 1939er Jahre”, in Michaela Holdenried, Alexander Honold und Stefan Hermes (Hg.), *Reiseliteratur der Moderne und Postmoderne*, Berlin, Erich Schmidt Verlag, p. 65-79.
- Elliot, Jason (2006), *Mirrors of the unseen journeys in Iran*, Picador.
- Georgiadou, Areti (1995), “Das Leben zerfetzt sich mir in tausend Stücke“. Annemarie Schwarzenbach. Eine Biographie, Frankfurt/M; New York, Camous.
- Glendinning, Victoria (1983), *A Biography of Vita Sackville-West*, New York, Quill.
- Hallet, Wolfgang / Neumann, Birgit (Hg.) (2009), *Raum und Bewegung in der Literatur. Die Literaturwissenschaften und der Spatial Turn*, Bielefeld, transcript Verlag.
- Homscheid, Thomas (2007), *Interkontextualität. Ein Beitrag zur Literaturtheorie der Neomoderne*, Würzburg, Königshausen & Neumann.

Laurel, Maria Hermínia (2006), „De *L’Usage du Monde* comme itinéraire identitaire”, *Cadernos de Literatura Comparada* 14/15: 185-207.

Laurel, Maria Hermínia (2015), “Espace vécu/perçu”, “Le tournant spatial: vue d’ensemble (provisoire)”, *Cadernos de Literatura Comparada* 33/2015.

Lecloux, Frédéric (2010), “*L’Usure du monde*: un na en famille et en images de *L’Usage du monde*”, in Hervé Guyader, Nicolas Bouvier, *Espace et écriture*, Genève, Zoe: 55- 62.

Outeirinho, Fátima (2016), “Do lugar do(s) mapas (s) na viagem e seu relato ou muito para além de um atlas oficial”, *Cadernos de Literatura Comparada* 34/2016: 197.

Pfister, Manfred (1999), “Robert Byron and the modernisation of travel writing”, *Poetica* Vol. 31, N.3/4: 462-487.

Polo, Higinio (2002), *Irán; Memorias del Paraíso*, Barcelona, Montesinos.

Sackville-West, Vita (2009), *Twelve Days in Persia*, London/New York, TPP-Tauris Parke Paperbacks.

-- (2010), *Passenger to Teheran*, London/New York, TPP-Tauris Parke Paperbacks.

Schlieker, Kerstin (2003), *Frauenreisen in den Orient zu Beginn des 20. Jahrhunderts. Weibliche Strategien der Erfahrung und textuellen Vermittlung kultureller Fremde*, Berlin, Wiku-Verlag.

Schmidt, Kira (2008), *Mythische Strukturen in literarischen Werken Annemarie Schwarzenbachs*, tese de ‘Magister’, Potsdam (manuscrito).

Schwarzenbach, Annemarie (2006), *Das glückliche Tal*, Basel, Lenos.

-- (2008), *Morte na Pérsia*, trad. Isabel Castro Silva, Lisboa, Tinta-da-China.

-- (2017a), *Inverno no Próximo Oriente*, trad. Miguel Serras Pereira, Lisboa, Relógio d’Água.

-- (2017b), *O Vale Feliz*, trad. Maria Antónia Amarante, Porto, Afrontamento (no prelo).

Simmel, Georg (1907), “Die Ruine” (1907, *Der Tag*, Nr. 96, 22.02.1907, e em *Philosophische Kultur*, Leipzig 1909. Visto em <http://socio.ch/sim/verschiedenes/1907/ruine.htm>, em



03.04.2017).

Soldi, Sebastiano e vários (2008), *Persépolis. A cidade secreta*, Lisboa, Público.

Tafazoli, Hamid (2007), *Der deutsche Persien-Diskurs. Zur Verwissenschaftlichung und Literarisierung des Persien-Bildes im deutschen Schrifttum. Von der frühen Neuzeit bis in das neunzehnte Jahrhundert*, Bielefeld, Aisthesis.

Tygstrup, Fredrik (2003), “Espace et récit” in Juliette Vian Dury, Jean-Marie Cerassin, Bertrand Westphal (ed.), *Littératures et espaces: actes du xxx. Congrès de la société française de littérature générale et comparée*, Limoges, Pelim, 2003, 57-63.

Vilas-Boas, Gonçalo (2006), “Travellers to Persia in the thirties: Maud von Rosen, Robert Byron and Margret Boveri”, *Cadernos de Literatura Comparada* 14/15 Tomo 1: 119- 144.

-- (2008), “Picturing Ayatollah’s Iran: Laurence Deonna and Higinio Polo”, *Cadernos de Literatura Comparada* 18, 87-106.

-- (2015), *Revisitar Annemarie Schwarzenbach*, Porto, Deriva.

-- / Maria de Fátima Outeirinho (2016), *Annemarie Schwarzenbach e a literatura de viagens na Europa dos anos 30*, Porto, Afrontamento.

Westphal, Bertrand (2000), *La géocritique: mode d’emploi*, Limoges, Pulim.

-- (2007), *La géocritique: réel, fiction, espace*, Paris, Les Éditions de Minuit.

-- (2009), “Vacances sur papier” in Westphal, Bertrand e Lorenzo Flabbi 2009, *Espaces, tourisms, esthétiques*, Limoges, Pulim: 15-28.

-- (2017), *A Geocrítica: Real, Ficção, Espaço*, trad. Maria Hermínia Laurel, Porto, Afrontamento.

White, Kenneth (2006), *O Espírito Nómada*, trad. Luís Nogueira, Porto, Deriva.

**Gonçalo Vilas-Boas** é professor catedrático jubilado na área da Literatura Alemã. Escreveu vários artigos sobre autores de língua alemã, como Franz Kafka, Patrick Süskind, Robert Walser, Max Frisch, Friedrich Dürrenmatt, Annemarie Schwarzenbach. As suas áreas de investigação são: a literatura suíça de expressão alemã desde 1900, o labirinto minóico na literatura, a literatura de viagens e o policial europeu. Publicou livros com textos de e sobre Annemarie Schwarzenbach, e o volume *Literatura Alemã III* da Universidade Aberta. Coeditou, com Teresa Oliveira, *Macht in der Deutschschweizer Literatur*, e dois volumes sobre Kafka e Max Frisch. Organizou uma antologia do conto suíço (*Histórias de Encontros e desencontros*, Porto, Afrontamento, 1991) e outra do conto nórdico (*A Luz que Vem do Norte*, Porto, Afrontamento, 2004).